

Entrevista com GUSTAVO CAPONI

Prof. Dr. Gustavo Andrés Caponi. Nascido em Rosário (Argentina) em 1961, Gustavo Caponi se graduou em Filosofia na Universidade Nacional de Rosário em 1984, e foi nessa instituição que ele começou sua carreira no ensino superior. Em 1992 obteve o título de Doutor em Lógica e Filosofia da Ciência na Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, e desde 1993 é docente na Universidade Federal de Santa Catarina. Entre setembro de 1999 e agosto de 2000, como bolsista de pós-Doutorado da CAPES, foi pesquisador visitante na equipe REHSEIS de Paris VII. Em 2004, foi professor visitante na École des Hautes Études des Sciences Sociales de Paris e na Universidade Nacional da Colômbia (sede Bogotá). Em 2007 ele foi também professor visitante na Université de Bourgogne, e no primeiro semestre de 2011, como bolsista PDE do CNPq, se desempenhou como pesquisador visitante no Institut d'Histoire et de Philosophie des Sciences et des Techniques de Paris I-Sorbonne.

1. Como se deu o seu interesse pela filosofia da ciência?

Todo começou há muito tempo: na Argentina, durante o horrível ano de 1979. Foi no primeiro ano do meu curso de Filosofia, em Rosário. Entre os muitos temas da disciplina Introdução à Filosofia, estavam as teses de Hume¹ sobre indução e causalidade. O tema realmente me interessou e os argumentos de Hume me deixaram perplexo e intrigado. Depois, a partir de 1981, assisti a cursos de Filosofia da Ciência ministrados fora da universidade, nos que conheci o pensamento e a obra de Popper². Suas respostas aos desafios de Hume me pareceram satisfatórias. E aí comecei a interessar-me por diferentes temas que fui estudando ao longo dos anos. Um dos primeiros foi a estrutura da explicação científica. Os cursos eram ministrados por professores que a ditadura excluía e até perseguia. A formação dentro da universidade era, em geral, muito limitada. O pensamento católico, sobretudo o neotomismo, era a regra; e a Filosofia da Ciência não era bem vista. Se considerava que ela era coisa de positivistas; e o positivismo era visto como um primeiro passo na direção do marxismo, porque levava ao esquecimento da dimensão do dito 'espiritual'.

2. Como foi a sua formação em filosofia da ciência?

A primeira foi em um desses cursos fora da universidade, que assisti a partir de 1981. O mais importante de tudo isso foram as aulas de Gregorio Klimovsky³ e Félix Schuster⁴. Com Klimovsky, além de

1 David Hume (1711-1776), filósofo escocês.

2 Karl Popper (1902-1994), filósofo austríaco.

3 Gregorio Klimovsky (1922-2009), filósofo e matemático argentino.

4 Félix Gustavo Schuster (1935-2017), filósofo argentino.

tomar contato com Popper, também estudei algo de Lakatos⁵ e Kuhn⁶. Mas foi Popper o autor de que mais gostei. A partir de 1981, comecei a ler todas suas obras. A primeira foi *Conjecturas e Refutações* (POPPER, 2003). Com Schuster, estudei as teses de Hempel⁷ sobre a explicação científica; como também discutimos os problemas que elas colocavam para a Filosofia das Ciências Humanas. Minhas leituras de Popper, por outro lado, me mostraram que as explicações da Biologia Evolutiva tampouco se encaixavam muito bem no esquema de Hempel. Essa foi a minha entrada na Filosofia da Biologia. Já em 1984, recém-formado, comecei a ministrar aulas em diferentes disciplinas epistemológicas que se ministravam na minha universidade; e isso me exigiu aprimorar minha formação.

Em 1987 todo mudou. Vim para Brasil e ingressei no programa de pós-graduação em Lógica e Filosofia da Ciência da Unicamp. Defendi o mestrado em 1989 e o doutorado em 1992. Trabalhei sobre Popper, tanto no mestrado quanto no doutorado. Meu orientador foi Michel Ghins⁸. De fato, eu já não tinha maior interesse na obra de Popper. Meu interesse estava na Filosofia da Biologia; mas ninguém aceitou me orientar em nada que tivesse a ver com isso. Por isso insisti em Popper, era a forma mais rápida e segura de chegar ao doutorado. Também foi uma forma de capitalizar, em títulos acadêmicos, as muitas horas de leituras que tinha investido nele desde 1981.

3. Quais são as suas principais teses, concepções e ideias em filosofia da ciência?

Os âmbitos nos quais eu acho ter feito algo minimamente original e relevante, são a Filosofia e a História da Biologia. No primeiro caso citaria: (1) minhas teses sobre a naturalização da teleologia operada pela Teoria da Seleção Natural; (2) minha análise da Biologia Evolucionária do Desenvolvimento; (3) meu estudo da explicação causal em biologia, feito a partir das teses de James Woodward⁹; e (4) a distinção entre linhagens e sistemas, como formas fundamentais da individualidade em Biologia. No caso da História da Biologia, citaria: (1) minha caracterização da relação que existe entre as teses de Buffon¹⁰ sobre a degeneração dos animais e suas teses sobre a origem da vida; (2) minha distinção entre o funcionalismo de Cuvier¹¹ e o adaptacionismo de Darwin¹²; (3) a contraposição entre os dois programas darwinianos: o adaptacionista e o filogenético; (4) minha leitura de Ameghino¹³; e (5) e minha interpretação do problema da organização nos escritos de Claude Bernard¹⁴.

4. Quais são os pré-requisitos obrigatórios para que alguém seja considerado apto à pesquisa em filosofia da ciência?

Ter interesse nos problemas epistemológicos que a ciência suscita no seu desenvolvimento. Isto pressupõe ter interesse genuíno na ciência e na sua história. Se só se trata de usar a ciência para encontrar exemplos com os quais ilustrar o tratamento de algum tema de Filosofia da Ciência, a coisa não funciona.

5. Quais são as principais questões, ou temas, em filosofia da ciência?

Se tenho que responder pensando na Filosofia da Ciência em geral, acho que há que mencionar o problema da demarcação; as reconstruções das diferentes modalidades de explicação científica; o exame

5 Imre Lakatos (1922-1974), filósofo da matemática e da ciência húngaro.

6 Thomas Kuhn (1922-1996), filósofo da ciência estadunidense.

7 Carl Hempel (1905-1997), filósofo alemão.

8 Michel Ghins (1948-), belga, filósofo da ciência.

9 James Woodward (1941-), historiador e físico estadunidense.

10 Georges-Louis Leclerc, Conde de Buffon (1707-1788), filósofo natural francês.

11 Jean Léopold Frédéric, barão de Cuvier (1769-1832), filósofo natural francês.

12 Charles Darwin (1809-1882), naturalista, geólogo e biólogo inglês.

13 Florentino Ameghino (1854-1911), naturalista argentino.

14 Claude Bernard (1813-1878), fisiologista francês.

das relações entre as diferentes disciplinas científicas; e a lógica da validação, e avaliação, de escolhas teóricas. No caso de Filosofia da Biologia falaria da autonomia da Biologia com relação ao conhecimento físico-químico; da estrutura das explicações biológicas; do possível caráter teleológico de algumas de essas explicações; e do estatuto ontológico dos taxa.

6. Como vê a situação atual da filosofia da ciência no mundo? E no Brasil? O que poderia ser feito para aperfeiçoar esta situação?

Em âmbito internacional, a Filosofia da Ciência é uma disciplina largamente consolidada; muito diversificada; e que sempre é palco de polêmicas novas e instigantes. Em âmbito nacional, as coisas não estão mal; mas poderiam estar muito melhor se o desenvolvimento da Filosofia da Ciência não estivesse controlado e condicionado pelas pautas dos estudos filosóficos tradicionais, estudos que, no Brasil, tendem a uma simples identificação com a História da Filosofia. Pelo geral, em âmbito internacional, a área de Filosofia & História da Ciência configura uma unidade autônoma, independente da História *tout court* e dos estudos tradicionais e gerais de Filosofia.

7. Quais os autores que considera mais influentes em filosofia da ciência?

Respondo por minha especialidade. Embora ela seja muito horizontal, sem ‘grandes autores’, acho que posso mencionar Elliott Sober¹⁵, Robert Brandon¹⁶, Michael Ghiselin¹⁷, David Hull¹⁸ e Michael Ruse¹⁹ como os mais influentes. Sempre há que lembrar que, na Filosofia da Ciência, em geral, os protagonistas são os problemas e não os autores.

8. Qual a relevância da filosofia da ciência para a ciência? E para a filosofia? Haveria ainda uma terceira área do conhecimento, que poderia ‘ganhar’ com a filosofia da ciência?

Quando se quer fazer uma ciência que exceda os níveis mais rotineiros da ciência normal, a Filosofia da Ciência vira algo imprescindível. Os desenvolvimentos científicos teoricamente ambiciosos e verdadeiramente inovadores não podem deixar de gerar perplexidades metodológicas e conceituais que chamam à reflexão epistemológica. E o que tem a ganhar a Filosofia com isso não é nem mais nem menos do que ela tem a ganhar com a Ética, por exemplo. A pergunta sobre o que tem a ganhar a Filosofia com a Filosofia da Ciência, não é diferente da pergunta sobre o que é que a Filosofia tem a ganhar com Ética ou com a Estética. Talvez, nos três casos, a resposta seja só uma: o que se tem a ganhar é o próprio fato de desenvolver a reflexão filosófica. Mas talvez seja uma pseudo-pergunta, do tipo, “O que tenho a ganhar ganhando mais um dólar?”. A resposta pareceria ser “um dólar”. Mas não é uma verdadeira resposta porque a pergunta está mal formulada.

Acho, entretanto, que sempre vale lembrar o muito que a História da Ciência, e Didática da Ciência, têm a ganhar no diálogo com a Filosofia da Ciência.

9. Gostaria de acrescentar alguma outra observação, ou comentário, que não foi contemplado nas perguntas anteriores?

A Filosofia da Ciência tem importantes funções políticas a desempenhar. Uma é a vigilância epistemológica das escolhas teóricas que se fazem no campo das pesquisas e dos desenvolvimentos tecnológicos. E outra é a vigilância epistemológica dos usos ideológicos da ciência. Pense-se, por exemplo, no uso da

15 Elliott Sober (1948-), filósofo estadunidense.

16 Robert N. Brandon, filósofo e biólogo estadunidense.

17 Michael Ghiselin (1939-), biólogo estadunidense.

18 David L. Hull (1935-2010), estadunidense, filósofo da biologia.

19 Michael Ruse (1940-), inglês, filósofo da biologia.

noção de ‘programa genético’ que fizeram os católicos procurando condenar o aborto. Eles transformaram essa ideia, hoje bastante questionada, num artilho para ressuscitar o homúnculo dos pré-formacionistas. Uma análise epistemológica rigorosa dessa noção, a das noções de embrião e de organismo, poderia servir para desmontar essa apropriação ideológica do discurso científico. Agora, ademais, a essas responsabilidades mais clássicas da Filosofia da Ciência, se acrescenta a luta contra o novo obscurantismo; que, além de ter alentado bobagens perigosas, como os movimentos anti-vacinas ou a negação dos efeitos antrópicos sobre o clima, também tem alentado crendices como o terraplanismo e o *design* inteligente. É hora de superar o relativismo que nos deixa inermes perante esse tipo de coisas. Há que lembrar que a tolerância não é uma virtude epistemológica; e que ela, a tolerância epistemológica, sempre acaba sendo inimiga da tolerância política. Questões sobre as quais a Filosofia da Ciência tem que tomar a palavra.

REFERÊNCIAS

CAPONI, Gustavo. *Georges Cuvier: un fisiólogo de museo*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2008.

CAPONI, Gustavo. *Buffon*. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2010.

CAPONI, Gustavo. *La segunda agenda darwiniana: contribución preliminar a una historia del programa adaptacionista*. Ciudad de México: Centro de Estudios Filosóficos, Políticos y Sociales Vicente Lombardo Toledano, 2011.

CAPONI, Gustavo. *Função e Desenho na Biologia Contemporânea*. São Paulo: Editora 34/Scientiae Studia, 2012.

CAPONI, Gustavo. *Réquiem por el centauro: aproximación epistemológica a la Biología Evolucionaria del Desarrollo*. Ciudad de México: Centro de Estudios Filosóficos, Políticos y Sociales Vicente Lombardo Toledano, 2012.

POPPER, Karl. *Conjecturas e Refutações*. São Paulo: Almedina, 2003.

Nota: para referências às publicações do professor Gustavo Caponi, ver: <https://fil.cfh.ufsc.br/gustavo-andres-caponi/>